

## Painel

o rio Iguaçu, do artista Rogério Dias

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

Painel: o rio Iguaçu, do artista Rogério Dias. In BAUMGARTNER, G., *et al.* *Peixes do baixo rio Iguaçu* [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. VIII-IX. ISBN 978-85-7628-586-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



**Painel:  
O rio Iguazu,  
do artista Rogério Dias.**



## LENDA DAS CATARATAS

Uma linda lenda tupi-guarani explica o surgimento das Cataratas do Iguaçu. “Há muitos anos atrás, o rio Iguaçu corria livre, sem corredeiras e nem cataratas. Em suas margens habitavam índios caingangues, que acreditavam que o mundo era governado por M’Boy, o Deus Serpente, filho de Tupã.

O cacique da tribo, Igobi, tinha uma bela filha chamada Naipí. Devido à sua beleza, Naipí seria consagrada ao Deus M’Boy, passando a viver somente para seu culto. Havia, porém, entre os caingangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá, que, ao ver Naipí, por ela se apaixonara.

No dia em que foi anunciada a festa de consagração da bela índia, quando o cacique e o pajé bebiam “cauim” (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá fugiu com Naipí em uma canoa, que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza.

Quando M’Boy soube da fuga, ficou furioso. Penetrou então nas entranhas da terra e retorcendo o seu corpo, produziu uma enorme fenda, que formou uma catarata gigantesca. Envolvidos pelas águas dessa imensa cachoeira, os fugitivos caíram de grande altura.

Naipí transformou-se em uma rocha abaixo da cachoeira, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas e Tarobá foi convertido em uma palmeira, situada à beira do abismo, condenado a contemplar eternamente sua amada sem poder tocá-la. Debaxo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta onde o monstro vingativo vigia, eternamente, as suas duas vítimas”.

---

Adaptado de: CARNEIRO JR. Renato A. (coord.). **Lendas e contos populares do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 2005 (Caderno Paraná da Gente; 3).